

CAPÍTULO 8

AUMENTO NO CONSUMO DE DROGAS POR ADOLESCENTES DO GÊNERO FEMININO: LEVANTAMENTO DE NECESSIDADES PARA O SISTEMA DE PREVENÇÃO COMUNIDADES QUE CUIDAM



<https://doi.org/10.22533/at.ed.268152524018>

Data de aceite: 13/02/2025

Veronica Candaten Furini

<http://lattes.cnpq.br/7465484528655140>

Guilherme Gomes Silva

<http://lattes.cnpq.br/2599641158564575>

Charlene Fernanda Thurow

<http://lattes.cnpq.br/2482748032191511>

Daniela Ribeiro Schneider

<http://lattes.cnpq.br/5847729124150252>

RESUMO: O Comunidades Que Cuidam é um sistema de prevenção de base comunitária baseado em evidências, no qual lideranças desenvolvem um plano preventivo com sustentação em dados sobre fatores de risco e proteção dos jovens da comunidade. Pesquisa epidemiológica, parte do estudo piloto do CQC no Brasil, constatou níveis mais elevados no consumo de substâncias psicoativas em meninas do que em meninos. Com desenho descritivo-exploratório, transversal e uso de métodos mistos, envolveu 326 jovens de três escolas da comunidade piloto, que responderam ao CTC Youth Survey. Utilizou estatísticas descritivas e testes de associação (qui-quadrado com correção de Yates) com

o SPSS e linguagem R. Posteriormente, foram realizados grupos focais com 26 estudantes, objetivando uma investigação qualitativa dos sentidos atribuídos aos dados quantitativos. A análise temática possibilitou a identificação de códigos e temas relacionados ao consumo e à influência de gênero. Os resultados demonstraram a dimensão multifatorial para o consumo elevado de drogas pelas adolescentes, influenciadas pelos relacionamentos e hábitos familiares, necessidade de pertencimento a grupos, influência de mídias sociais, questões emocionais. Os dados corroboram com as transformações dos padrões de consumo por adolescentes, indicando que os planos preventivos devem estar conectados aos desafios contemporâneos, em especial aos gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema de Prevenção, Abuso de Drogas, Perspectiva de Gênero, Mulheres, Adolescentes

INCREASED DRUG USE BY FEMALE ADOLESCENTS: NEEDS ASSESSMENT FOR THE COMMUNITIES THAT CARE PREVENTION SYSTEM

Abstract: Communities That Care (CTC) is an evidence-based, community-driven prevention system in which local leadership develops a preventive plan based on data regarding risk and protective factors among youth. An epidemiological study, part of the pilot implementation of CTC in Brazil, identified higher levels of psychoactive substance use among girls compared to boys. Employing a cross-sectional, descriptive-exploratory design and mixed methods, the study involved 326 youth from three schools in a pilot community, who completed the CTC Youth Survey. Descriptive statistics and association tests (Chi-square with Yates' correction) were applied using SPSS and R programming language. Subsequently, focus groups with 26 students were conducted to qualitatively investigate the meanings attributed to the quantitative data. Thematic analysis enabled the identification of codes and themes related to drug use and gender influences. Results demonstrated the multifactorial dimension of increased drug use among female adolescents, influenced by relationships and family habits, the need for group belonging, social media influences, and emotional issues. The findings align with trends indicating changing consumption patterns among adolescents, underscoring the need for preventive plans to be aligned with contemporary challenges, particularly gender-related issues.

Keywords: Prevention System, Drug Abuse, Gender Perspective, Females, Adolescents

INTRODUÇÃO

O *Comunidades Que Cuidam* (CQC) é um sistema de prevenção em processo de adaptação cultural no Brasil, que tem como base a mobilização de lideranças da comunidade para ações no campo da saúde, em especial problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas, violências e saúde mental, ao estabelecer uma relação produtiva entre a mobilização social e a ciência da prevenção baseada em evidências, conforme a proposta original norte-americana *Communities That Care* (Brown et al., 2011; Hawkins et al., 2008). As ações do CQC são pensadas a partir da realidade local e das necessidades e demandas específicas de cada comunidade que está envolvida com o sistema preventivo, as quais são tomadas como base de elaboração de um plano preventivo comunitário (Brown et al., 2011; Thurow, 2021). Este é construído por um grupo de lideranças que aderem ao projeto, chamado de coalizão comunitária, que se orienta a partir de um levantamento de dados sobre os fatores de proteção e de riscos para os desfechos acima descritos, a partir de instrumentos avaliativos específicos aplicados com os adolescentes do território em foco. Com base nestes dados realiza-se um plano de intervenções preventivas que tenham evidências, visando diminuir os riscos e fortalecer os fatores protetivos específicos de cada comunidade (Hawkins et al., 2008).

Entre os dados levantados, que servem como diagnóstico comunitário, está o padrão de consumo de álcool e outras drogas entre estudantes do ensino fundamental II e médio (13 a 18 anos). A temática AD vem se tornando, cada vez mais, uma importante questão de saúde pública, na medida em que produz impactos nos ciclo do desenvolvimento de indivíduos e grupos sociais, por ser um fenômeno multideterminado, que envolve vários âmbitos: a comunidade, a família, a escola, os pares e aspectos subjetivos, associado a macrodeterminantes, como conflitos, preconceitos raciais, desigualdades sociais e econômicas (Hawkins *et al.*, 2008). O abuso de álcool e outras drogas pode estar associado, ainda, a outros comportamentos de risco que podem trazer prejuízos à vida do adolescente, como relações sexuais desprotegidas, envolvimento com violências, acidentes e prejuízos na condição da saúde mental (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2021; Charrier et al., 2024).

A adolescência é um período da vida humana que perpassa transições de âmbito psicossocial (Charfi, 2020). A juventude também se insere dentro de uma diversidade social, isto é, adolescentes experimentam suas vidas de formas singulares e subjetivas - denotando interseccionalidades nessa categoria (Groppo, 2000). Este é um período de continuidade da construção de identidades, fundamentação de valores e experimentações de desafios, elementos relevantes para a formação individual (Ferreira *et al.*, 2022). Durante essa fase, adolescentes podem passar por diversos aprendizados, desejos e curiosidades, sendo o uso abusivo de álcool e outras drogas um dos fatores (Almeida & Lana, 2020).

A pesquisa a ser apresentada, realizada no âmbito do estudo piloto do CQC no Brasil, traz dados que dialogam com tendências nacionais e internacionais sobre a utilização de álcool e outras drogas na adolescência, em especial o crescimento do consumo entre as meninas. Em um estudo realizado em países da Europa, Ásia Central e Canadá, constatou-se que as adolescentes de 13 a 15 anos estão usando, na vida, mais cigarros de tabaco (13 anos = 11%; 15 anos = 26%) do que meninos (13 anos = 10%; 15 anos = 24%), sendo que na Dinamarca este índice foi maior elevado para meninas de 15 anos (64%) (Charrier et al., 2024). O uso na vida de cigarro eletrônico é um dado crescente, sendo que o consumo superior por parte de meninas de 13 anos na Lituânia (41%), Estônia (32%), Bulgária (33%), Romênia (31%) e Inglaterra (24%). Já em adolescentes de 15 anos, a estatística aponta que o consumo superior na vida é por parte dos meninos. O uso de álcool na vida mostra-se superior em meninas de 15 anos (59%), sendo a Dinamarca o país que lidera as estatísticas, ainda que as diferenças não sejam tão significativas (meninas, 84%; meninos, 83%) (Charrier et al., 2024).

Já no Brasil os dados de padrão de uso de drogas entre escolares, ao analisar as séries históricas da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, por exemplo, corroboram com esta tendência de uma aumento no uso por mulheres, na experimentação do álcool, que em 2015 não apresentou diferenças estatisticamente significativas quanto ao sexo, mas que em 2019 ampliou sua diferença, ficando maior entre as mulheres, com um percentual de 66,9%, enquanto nos homens esse percentual foi de 59,6%. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar [PeNSE] também mostrou tendência de maior consumo de outras drogas pelas meninas em relação aos meninos (IBGE, 2021).

O presente artigo objetiva discutir o consumo mais elevado de álcool e outras drogas por parte das adolescentes do sexo feminino em uma comunidade piloto do Sistema de Prevenção no Brasil, como forma de auxiliar a elaboração do plano preventivo da coalizão comunitária.

MÉTODO

A presente pesquisa, desenvolvida com métodos mistos e de característica descritivo-exploratória, discute dados extraídos de um projeto maior de adaptação cultural do Sistema de Prevenção *Communities That Care* ao Brasil, aqui intitulado de *Comunidades que Cuidam*, que tem como ponto de partida o levantamento de necessidade das comunidades alvo, sendo aqui discutidos os dados de uma das comunidades pilotos que sofreram intervenção entre 2021 e 2023 (Schneider et al., 2023). A partir dos dados quantitativos obtidos através do questionário *Communities That Care Youth Survey* (CTCYS) (Corrêa et al., 2022) verificou-se que adolescentes do gênero feminino desta comunidade estavam consumindo mais álcool e outras drogas que adolescentes do gênero masculino, sendo que, a partir desta constatação, a coalizão comunitária tomou a decisão de buscar entender, de forma qualitativa, os sentidos atribuídos a estes dados pelos próprios estudantes, para poder formular com mais consistência o plano preventivo para a comunidade, cuja investigação se tornou uma pesquisa de mestrado.

A amostra foi por conveniência, com estudantes de três escolas existentes na comunidade alvo, sendo uma pública de ensino fundamental, uma pública de ensino médio e outra escola privada, com ensino fundamental e médio. Na primeira etapa de levantamento epidemiológico, 326 jovens, entre 13 e 18 anos, do 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio responderam ao questionário CTCYS, em agosto de 2022. Na etapa qualitativa, realizada em novembro de 2023, definiu-se como critério de inclusão ter respondido ao questionário na pesquisa anterior, estar regularmente matriculado nas escolas e possuir permissão de seus responsáveis para a participação na pesquisa e demonstrar interesse em contribuir. Após a delimitação desses critérios, houveram 11 voluntários da escola pública e 15 voluntários da escola privada, sendo 12 meninas e 14 meninos.

O instrumento utilizado na primeira etapa foi a versão traduzida e validada para o português do CTC Youth Survey (CTCYS) (Corrêa et al., 2022). A versão consistiu em 251 itens, representando 21 fatores de risco e 14 fatores de proteção, respectivamente, implementados na plataforma online do SurveyMonkey, com aplicação em celulares cedidos pelo Núcleo de Pesquisas em Clínica da Atenção Psicossocial, da Universidade Federal de Santa Catarina (PSICLIN/UFSC). Os dados qualitativos foram coletados a partir de grupos focais, com um roteiro semi-estruturado, baseado na discussão dos dados quantitativos.

Os dados quantitativos coletados foram exportados da plataforma em formato SPSS e processados com auxílio de funções da linguagem de programação R após importação com auxílio do pacote haven. A limpeza inicial dos dados consistiu na identificação de casos com resposta não confiável, com base em itens de verificação de resposta honesta e no padrão de dados faltantes, excluindo casos com mais de 50% de itens sem resposta, resultando na mostra final de $N = 326$. Os dados categóricos dos itens foram analisados por meio de estatísticas de frequência relativa e absoluta, e tabelas de contingência com variáveis categorias de desfecho, como uso de drogas. Os escores das escalas foram analisados por meio de estatísticas descritivas univariadas, como média e desvio padrão. Foi avaliada a validade de critério por meio de análise bivariada, por meio da correlação de Pearson, dos escores brutos e desfechos de interesse; foi também empregada o coeficiente bisserial para análise bivariada de escores contínuos e desfechos binários.

Para avaliar a diferença na prevalência do uso de diferentes drogas entre mulheres e homens, as respostas aos itens sobre uso de drogas foram primeiramente dicotomizadas para diferenciar quem já fez algum uso de quem relatou nunca ter utilizado. Em seguida, foi calculada a prevalência de uso para cada grupo e a diferença entre homens e mulheres, tomando o sexo masculino como referência, sendo assim, um número positivo indica que a proporção é maior no sexo feminino. Por fim, foi testada a hipótese de ausência de diferença entre mulheres e homens por meio do teste de qui-quadrado para proporções, com correção de continuidade de Yates (Veloso & Cirillo, 2016).

Já a análise de dados qualitativos foi feita a partir da Análise Temática (AT), baseada na compreensão de Braun & Clarke (2012). A AT realiza a delimitação prévia de conceitos e conteúdos, os quais identifica e organiza. A partir desta etapa, que contempla leituras exaustivas das transcrições de áudio e dos códigos, formam-se temas. Nesse tipo de análise, pode-se detectar significados frequentes de um conjunto de dados, ou identificar fenômenos e realizar o aprofundamento dos mesmos. Neste estudo, optou-se pela detecção de ocorrências de significados. Para o gerenciamento de dados qualitativos, foi utilizado o software Atlas.ti, por permitir agilidade na organização (Atlas.ti, 2023).

Após a coleta de dados em grupos focais, as falas dos estudantes foram transcritas e analisadas. As leituras resultaram em cinquenta e oito (58) códigos. Após a codificação definitiva, foram criados os temas e as categorias. A criação de sete (7) categorias proporcionou a definição de dois (2) temas gerais, sendo eles: Consumo e Gênero. Na Análise Temática, a definição de temas pode ser construída a partir da maior repetição de conteúdos que se manifestam dentro das transcrições (Braun & Clarke, 2012).

Projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSC sob o nº CAAE: 50477321.3.0000.0121.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa com a aplicação do instrumento de fatores de risco e proteção, o CTCYS, mostraram que o consumo de álcool e outras drogas entre estudantes de 13 a 18 anos, na comunidade piloto em Florianópolis, sul do Brasil, no estudo de adaptação cultural do Sistema de Prevenção Comunidades que Cuidam, foi alto. Houve uma prevalência maior, na maioria dos tipos de drogas e padrões de consumo, das adolescentes do gênero feminino, ainda que só o álcool mostrou significância estatística. Os dados foram separados por “uso na vida” e “uso nos últimos trinta dias”, conforme a tabela 1 abaixo.

	Uso na vida					Uso nos últimos 30 dias				
	Geral	Fem %	Masc %	Dif_pro	Valor_p	Geral	Fem %	Masc %	Dif_pro	Valor_p
Álcool	68,5	74,9	59,8	15,1	0,007*	36,5	40,2	31,6	0,146	0,451
Binge	19,4	20,8	17,6	3,2	0,580	-	-	-	-	-
Cigarro	31,3	33,1	28,9	4,2	0,493	14,8	17,5	11,2	4,2	0,493
Cig eletrônico	35,5	39,6	30,1	9,5	0,093	13,7	15,6	11,2	9,5	0,106
Narguilé	21,9	25,0	17,8	5,1	0,259	11,6	16,4	5,2	5,1	0,259
Maconha	21,8	22,0	21,5	7,2	0,161	9,7	11,4	7,4	7,2	0,161
Medicação s/pres	13,9	16,1	11,0	0,5	1,000	6,6	8,7	3,7	0,5	1,000
Inalantes	9,4	10,9	7,4	3,5	0,383	4,1	6,0	1,5	3,5	0,383
LSD	7,2	7,1	7,5	-0,4	1,000	2,8	2,7	3,0	-0,4	1,000
MDMA	6,8	7,6	6,0	1,6	0,730	1,6	1,1	2,2	1,6	0,730
Cocaína	2,2	1,1	3,7	-2,6	0,231	0,6	0,5	0,7	-2,6	0,231
Anfetaminas	1,2	1,1	1,4	-0,3	1,000	0,6	0,5	0,7	-0,3	1,000
Crack	0,0	0,0	0,0	-	-	0,0	0,0	0,0	-	-

Tabela 1. Uso na vida e no mês de álcool e outras drogas por estudantes das escolas públicas e privada da comunidade piloto em Florianópolis, no estudo de adaptação cultural do Sistema de Prevenção Comunidades que Cuidam, coletado em 2022, diferenciado por sexo.

O consumo de substâncias psicoativas dos estudantes da comunidade piloto do CQC em Florianópolis, realizado em 2022, ficou próximo de outros levantamentos epidemiológicos com estudantes, entre 13 e 18 anos, realizados no Brasil para o uso na vida e nos últimos 30 dias de álcool, sendo na comunidade piloto de 68,5% e 36,5% respectivamente, já na pesquisa PeNSE, de 2019, os valores para Florianópolis foram de 64,9% e 27,6% (IBGE, 2020) e a pesquisa do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBrID, de 2010, foi de 70,9% e 33,1% (Carlini et al., 2010). Os dados de tabaco mostram diferenças, sendo na comunidade participante de Florianópolis um pouco superior do que dados nacionais anteriores, 31,3% e 14,8%, para uso na vida e mês, respectivamente, sendo que a PeNSE indicou o índice de 22,6% na vida e 6,8% para os escolares do país, atingindo o maior valor na Região Sul (8,0%). Já os dados de cigarro eletrônico, que na

comunidade piloto teve índices elevados de 35,5% e 13,79% na vida e no mês, maiores do que os últimos dados nacionais, representam uma novidade desafiadora da última década, já que vários estudos apontam sua potencial maleficência em termos físico e de produção de dependência (Instituto Nacional De Câncer, 2019), podendo representar uma reversão das políticas de sucesso de prevenção ao uso do tabaco (Delanos, 2023). No levantamento do CEBRID, de 2010, este tipo de consumo de tabaco nem era verificado, sendo que na PeNSE, de 2019, este índice já era significativo, quando 16,8% dos escolares de 13 a 17 anos já haviam experimentado o cigarro eletrônico sendo 13,6% nos de 13 a 15 anos de idade e 22,7% nos de 16 e 17 anos, com uma variação regional maior nas Regiões Centro-Oeste (23,7%) e no Sul (21,0%). Por outro lado, os dados do consumo de maconha mostra dados elevados na comunidade piloto, com índices de 21,8% e 9,7%, para uso na vida e no mês respectivamente, enquanto a pesquisa do IBGE (2021) indicou um índice nos últimos 30 dias de 5,3%, porém com grandes variações entre as capitais, sendo que Florianópolis foi a que ficou com maior consumo (9,4%), muito próximo dos achados da pesquisa em discussão de 2022.

Essa tendência crescente do aumento do consumo de substâncias psicoativas por adolescentes do sexo feminino, que chamou atenção da coalizão na comunidade piloto do CQC em Florianópolis, já era apontada por outras pesquisas com estudantes. Por exemplo, a PeNSE 2019, no que diz respeito ao cigarro, indicou uso mais precoce em meninas de 13 a 15 anos (18,4%) do que nos meninos (15,6%) da mesma faixa etária, sendo que na mesma pesquisa em 2015, os valores da experimentação de cigarros não haviam apresentado uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos. Nos adolescentes mais velhos, de 16 e 17 anos, ainda foram os homens que apresentaram índices maiores (IBGE, 2021), o que indica uma tendência de aumento de consumo entre a geração mais nova. Essa diferença de comportamento em relação ao sexo e a idade do consumo entre adolescentes foi mais acentuada na Região Sul, onde as adolescentes do sexo feminino apresentaram o maior percentual de experimentação do cigarro (25,6%) e com maior diferenciação em relação aos do sexo masculino (19,2%), sendo insignificante ou nula nas demais regiões do país (IBGE, 2021). Os dados da pesquisa de 2022 na comunidade piloto corroboraram com esta tendências, mostrando um crescimento desse consumo, sendo que o uso na vida de cigarros foi de 33,1% das meninas para 28,9% dos meninos, e uso nos últimos 30 dias 17,5% das meninas e 11,2 % dos meninos.

Quanto ao álcool, foi a substância que apresentou significância estatística na diferença do consumo entre meninas e meninos da comunidade piloto do CQC, tanto no uso na vida (74,9% a 59,8%, respectivamente), quanto no consumo no último mês (40,2% e 31,6%, respectivamente). Na pesquisa do IBGE (2021) apontou-se um aumento nas diferenças de consumo no último mês, sendo de 30,1% entre as meninas e 26,0% entre os meninos em 2019, com um aumento da diferença em relação a 2015, onde não apareceu diferença com evidência estatística entre os sexos, sendo mais significativo entre as meninas mais novas, de 13 a 15 anos, indicando, uma possível mudança de comportamento das meninas da geração mais nova, que vem se lançando mais em comportamentos de risco.

Houve ainda uma diferença no uso de medicação psicotrópica sem prescrição médica, tanto no uso na vida pelas adolescentes (meninas 17% e meninos 11%), como no último mês (9% e 2%), bem como um consumo superior de inalantes. Em algumas drogas ilícitas, tais como LSD, MDMA, cocaína, anfetaminas, houve pouca diferença entre os sexos, corroborando dados da PeNSE (IBGE, 2021). Os meninos só mostraram um consumo superior, ainda que não significativo nas seguintes drogas: LSD, cocaína e anfetaminas.

Estes dados chamaram atenção da coalizão comunitária responsável pela implementação do CQC, pois, de certo modo, consolidam uma tendência que já vem crescente há algum tempo no Brasil e no mundo, do aumento significativo do consumo de drogas entre as mulheres, em especial as adolescentes, levando a coalizão a buscar compreender melhor as diferenças encontradas e seus impactos. Em estudo de revisão de 2004, sobre os riscos psicossociais envolvidos no uso inicial de álcool em adolescentes, os achados contrariam as expectativas gerais daquele momento histórico de uma maior disposição dos meninos, deixando claro que o gênero não era preditivo do início do consumo de álcool (Donavan, 2004). Freitas et al., em estudo epidemiológico publicado em 2012, discutem que entre os adolescentes que já ingeriam bebida alcoólica as mulheres tinham consumo superior, sendo 44% foram homens e 56% mulheres, sendo que elas também consumiram mais álcool no último mês anterior, resultado com diferenças significativas, que demonstrou que mais fortemente as mulheres estavam experimentando álcool, contrariando a literatura da época. “Os resultados deste estudo destacam que um elevado índice dos adolescentes investigados já fez uso de álcool, com preponderância do gênero feminino, confirmando a inversão do perfil socialmente definido que colocava os homens como os maiores consumidores” (Freitas et al, 2012, p. 293). Da mesma forma, em um estudo de Portugal, de 2013, já constatava que eram principalmente as raparigas que bebiam bebidas alcoólicas na faixa entre 13 e 15 anos (49% sexo masculino; 61% sexo feminino), sendo que em ambos os sexos o consumo em forma de binge foi muito próximo (Marques et al., 2013). Um estudo realizado no Brasil, no período pós pandêmico, confirma a tendência de maior consumo significativo entre as adolescentes do sexo feminino (Silva et al., 2024).

A coalizão comunitária compreendeu, portanto, a importância de planejar ações de prevenção considerando as questões de gênero, sugerindo buscar a compreensão dos sentidos atribuídos pelos próprios jovens a estes resultados encontrados. Sendo assim, foram realizados os grupos focais com os próprios estudantes, para discussão dos dados epidemiológicos, cujos resultados qualitativos serão descritos abaixo.

O modelo escolhido para a coleta de dados qualitativa foi a realização de perguntas abertas. Inicialmente, mostrou-se os dados quantitativos da pesquisa anterior já citada neste estudo (Schneider et al., 2023), a fim de que todos os estudantes pudessem visualizar os dados de consumo de álcool e outras drogas pelos estudantes e, em especial, o consumo superior por parte de pessoas do gênero feminino, em âmbito regional e nacional. Após a demonstração, perguntou-se aos adolescentes quais seriam as razões para o consumo da juventude ter aumentado — principalmente, o de meninas.

Sentidos sobre o consumo

O tema “sentidos sobre o consumo” compõe todo o conteúdo que se relaciona ao uso de álcool e outras drogas pelos estudantes da comunidade alvo, em especial, os índices superiores de consumo feito por adolescentes do sexo feminino. Foram determinadas duas categorias para ilustrar a seção, sendo a primeira sobre *“Razões atribuídas pelos adolescentes para o consumo de álcool e outras drogas”*, que aborda sentidos e significados do comportamento de uso de substâncias, a partir da vivência e de experiências da juventude. E a segunda categoria *“Percepções sobre o impacto do consumo de álcool e outras drogas na adolescência”*, em que se discute a percepção dos jovens sobre o comportamento de consumo e suas condições de risco para sua saúde e estilo de vida.

Em virtude da preservação da identificação das pessoas respondentes, foram utilizados marcadores que distinguem a fala de cada participante. Para respondentes do gênero feminino, foi utilizado o código “F” = Feminino + número de distinção. Para respondentes do gênero masculino, foi utilizado o código “M” = masculino + número distinção.

Razões atribuídas pelos adolescentes para o consumo de álcool e outras drogas

Uma das principais justificativas dos estudantes participantes para o aumento no consumo de álcool e outras drogas por adolescentes do sexo feminino foi atrelada ao sentimento de pertencer a um grupo:

Eu acho que uma parte é pertencimento das meninas, muitas pessoas que tu conhece, fazerem isso, usarem. [F4]

Se encaixar em um grupo social. [M2]

Muito adolescente tem o pensamento “ah, eu posso parar a qualquer momento” ou “estou fazendo só por diversão”, só pra se enturmar. [F2]

Neste mesmo sentido, foi atrelado à socialização, como parte do processo para criação de vínculos de amizade:

Eu acho que, tipo assim, tem aquele negócio da popularidade, então todo mundo bebe pra socializar, fazer mais amizade. [M5]

Acho que as meninas tão bebendo muito porque... tipo, tu se enquadrar mais... sei lá... tá todo mundo aí, daí tu quer se juntar. [F7]

Os fatores que implicam na utilização de álcool e outras drogas por adolescentes são diversos, não sendo possível serem explicados apenas por uma única razão (Nwagu, 2015). No entanto, na coleta de dados, ficou explicitado que um dos principais motivos alegados relaciona-se à experiência de pertencimento, que é um dos argumentos mais comuns conferido na literatura especializada (Donavan, 2004; Doumas *et al.*, 2017; Silva & Ruzzi-Pereira, 2020). Esta é uma condição típica do período do ciclo vital da adolescência, no qual o vínculo com ambientes sociais e com amigos é crucial na consolidação do seu processo de personalização, sendo que hábitos e estilos de vida por parte de amigos ou pessoas de convivência são grande influenciadores, levando ao sentimento de pertencimento ao grupo, tão crucial neste momento da vida (Doumas *et al.*, 2017).

Sendo assim, o pertencimento está relacionado à busca do jovem em se identificar e integrar socialmente, o que implica na adesão à valores e crenças de determinados grupos. Sendo assim, a sensação de pertencimento pode ocorrer por meio da convivência com grupos ou pessoas que realizam a utilização de álcool e outras drogas, em ambientes sociais e ambientes particulares (Silva & Ruzzi-Pereira, 2020). Em entrevistas com adolescentes do gênero feminino que utilizam substâncias psicoativas, os dados também apontaram que o comportamento de uso está relacionado às interações sociais, sendo que o desfecho dessas relações pode ser tanto positivo quanto negativo, devido justamente ao momento do desenvolvimento biopsicossocial, tendo que considerar tanto dimensões subjetivas e histórias pessoais, quanto dimensões contextuais e socioculturais (Silva & Ruzzi-Pereira, 2020).

Diretamente relacionado à questão do pertencimento encontram-se os relatos que mencionaram as influências grupais e amizades e a normalização do consumo em convívio social:

Numa roda de amigos que tá todo mundo usando, a pessoa vai lá e usa também, pra não se sentir julgado. [F7]

Os lugares que a gente vai com amigos, principalmente, os sociais, é muito normal terem álcool ou maconha. Uma coisa que virou normal e já virou certeza. Não é? "Vai ter? Não vai ter?" Hoje não precisa mais, porque já é certeza que vai ter álcool e outras coisas. [M3]

Em um estudo de revisão verificou-se que muitas pesquisas investigaram que variáveis relacionadas aos fatores de risco com pares indicam que o consumo de álcool tem uma correlação forte com ter a pessoa ter envolvimento com colegas que tenham comportamentos violentos ou façam abuso de drogas e tenham atitudes favoráveis em relação ao uso de drogas (Donavan, 2004). Por outro lado, o apoio social pode significar um importante fator de risco ou de proteção, pois inclui acesso a informações, assistência material, planejamento, aconselhamento sobre saúde e apoio emocional. A falta de apoio social predispõe ao aumento do uso de drogas. Já o apoio social de alta qualidade é de grande valor na moderação de emoções emergentes em resposta a eventos negativos da vida e na promoção do bem-estar, podendo ser uma excelente direção para ações preventivas (Liu et al., 2022).

Outra questão que foi anunciada pelos estudantes se relaciona à função do uso de substâncias como escape de problemas emocionais:

Pode estar tendo um problema emocional. Tá triste, tá com raiva e aí desconta a emoção da pessoa naquilo: na droga, no álcool. Ou tipo, pra se encaixar socialmente também. Numa roda de amigos que tá todo mundo usando, a pessoa vai lá e usa também, pra não se sentir julgado. [F7]

Acho que pode ser um meio de fugir da depressão. [M11]

Querendo ou não, essa é uma forma de desestressar. [M7]

A transição entre adolescência à vida adulta pode ser um fator de risco para a utilização de álcool e outras drogas em adolescentes, pois este é um período desafiador, com muitas exigências, podendo envolver complexidades pessoais e nas relações interpessoais, fazendo com que o comportamento de uso seja uma das razões para lidar com emoções difíceis (Borges & Schneider, 2021).

Outro fator citado como grande influenciador do comportamento de consumo das adolescentes. Um dos elementos citados possui associação com as redes e mídias sociais:

Por muita influência não só do dia-a-dia, mas da mídia. A mídia acaba influenciando muito o uso das drogas em geral, sempre tem... qualquer filme que tu assiste sempre tem uma cena deles, sei lá, numa festa, todo mundo bêbado e é tão legal, sei lá. Tipo, acaba influenciando muito isso. [F2]

É mais fácil de se acostumar com álcool quando tu começou muito cedo, então é muito normalizado tipo, em filmes, séries, tu vê adolescente bebendo e começam muito novas. [F5]

Ainda sobre as redes sociais, verificou-se uma relação com a autoestima das meninas:

Acho que pela influência das redes sociais, pela comparação entre as mulheres, acabam se sentindo pressionadas... e pra suprir isso elas acabam consumindo álcool pra se sentir bem. Acho que isso se encaixa. [M3]

No contexto digital que envolve a vida diária desses jovens, verificou-se um tópico que diz respeito sobre como eles utilizam a internet, não mais no sentido da publicidade relacionada ao álcool, mas ligada à construção da autoimagem. O álcool, geralmente associado a ambientes sociais e à promoção da socialização, também apareceu como uma forma de lidar com emoções difíceis em outras pesquisas, tendo a função de mediador emocional (IBGE, 2021). Além disso, o uso excessivo e/ou inadequado das redes sociais, por adolescentes, pode prejudicar esferas da vida que tangem à rotina do cotidiano e o sono. O sentimento de solidão em adolescentes meninas também se encontra relacionada e potencializada ao uso das redes e mídias sociais (Cunha, 2022). O uso de dispositivos digitais depois da pandemia da COVID-19 intensificou-se, facilitando a comunicação e as possibilidades de informação, contudo, prejuízos foram identificados em adolescentes do sexo feminino: os sentimentos relacionados à imagem corporal e autoestima tornaram-se mais negativos, em virtude da idealização de corpos e de uma estética que não está de acordo com a realidade, gerando desconexão social, tendo influência no aumento de comportamentos de risco como abuso de substâncias (Sales *et al.*, 2021).

Por fim, dentre os motivos mais citados para o uso abusivo de drogas, os adolescentes relataram a relação com a família, destacando o núcleo familiar como forte fator influenciador no consumo:

Eu acho que de certa forma o álcool pode ser até da família, porque tem muitas pessoas que convivem com pai e mãe que tem esse tipo de dependência e acaba achando normal, então pra pessoa vai ser normal. [F5]

Eu já vi amiga minha assim, bebendo com a família, ao longo do tempo vai pegando aquilo... desde pequena. Uma amiga minha já, desde muito nova, bebe assim com os pais, aí pega o vício de beber desde pequena. [F5]

Usar essas substâncias pode ser relacionado à família ou aos pais, que acabam, tipo, agravando essa situação, como disseram, é... tipo, pode acabar contribuindo e, o acesso hoje em dia é facilitado. [F6]

Teóricos do desenvolvimento social discutem que a família é um dos domínios mais influentes para o uso de drogas entre adolescentes. Os adolescentes adquirem os valores, atitudes, estilos cognitivos e hábitos comportamentais com base na observação e aprendizagem em suas famílias, especialmente por meio da influência contínua dos estilos parentais no desenvolvimento de seus comportamentos positivos e negativos, pois estes são fortes preditores do abuso de drogas entre adolescentes (Liu et al., 2022). Em consonância com os discursos apresentados pelos jovens nesta pesquisa, o consumo de álcool e outras drogas em ambiente intrafamiliar pode ser um dos fatores de maior influência para os jovens, em razão da família poder ocupar uma função de referência na constituição de ser da pessoa na adolescência (Costa et al., 2012). Isto é, a forma como acontece a transmissão de perspectivas e valores impactará diretamente a infância e adolescência desse sujeito — podendo ser um fator de risco ou proteção.

As variáveis familiares que foram encontradas para prever o início do consumo de álcool de adolescentes se enquadram em três categorias gerais: composição familiar; modelagem e aprovação dos pais ou irmãos em relação ao consumo de álcool e, por fim, a qualidade do relacionamento entre pais e filhos. Nesta direção, constatou-se que a probabilidade de adolescente começar a beber está relacionada às percepções sobre a maior permissividade da mãe e do pai, assim como, está relacionado a níveis iniciais mais baixos de apoio dos pais (Donavan, 2004). Fatores familiares, como falta de comunicação, conflitos não resolvidos e supervisão inadequada, representam um risco significativo para o uso de substâncias entre adolescentes, impactando negativamente seu ambiente e suporte emocional, realizando uma associação entre gênero e clima familiar. Em ambientes de maior vulnerabilidade constatou-se que a família geralmente, pelas condições sociais precárias, tem um papel maior na mediação do risco ao uso de drogas. Porém, a depender do modo de estabelecer as relações intrafamiliares, este ambiente passe a ser protetivo, principalmente quando o contexto externo é mais vulnerabilizado (Borges & Schneider, 2021). Sendo assim, famílias que possibilitam espaço de inclusão das diferenças e construção positiva das emoções podem servir como fator protetivo tanto para meninas quanto para meninos (Benites & Schneider, 2014).

As razões atribuídas pelas adolescentes participantes dos grupos focais corroboram, em boa medida, como aquilo que já está consolidado na literatura especializada sobre o espectro de razões que levam ao consumo de álcool e outras drogas por adolescentes (Benites & Schneider, 2014; Borges & Schneider, 2021; Costa et al., 2012; Donovan, 2004; Doumas et al., 2017; Liu et al., 2022; Silva & Ruzzi-Pereira, 2020).

Gênero

Como vimos acima, estudos mostram o aumento paulatino do consumo entre adolescentes do sexo feminino. Em uma revisão sistemática de literatura, Donovan (2004) analisou aspectos de gênero para o consumo de álcool e outras drogas na adolescência, sem que a diferença de gênero fosse significativa, denotando um contexto social diferente entre o início do século XXI e passados quase 20 anos. Pesquisas mais recentes têm demonstrado uma mudança neste fenômeno, que apontam um aumento paulatino no consumo de substâncias psicoativas por parte de adolescentes do gênero feminino (IBGE, 2021; Charrier et al., 2024).

Esta seção traz o conteúdo relacionado à temática de gênero no comportamento de consumo de álcool e outras drogas por adolescentes do gênero feminino. Dois códigos foram verificados. O primeiro, sobre estereótipos de gênero e o segundo, sobre os riscos da embriaguez feminina, que será descrito na sequência.

Em relação aos estereótipos de gênero, vamos destacar falas do grupo das meninas e dos meninos, para verificar diferenças nos sentidos atribuídos. No grupo das meninas destacamos as seguintes falas:

Eu acho que é muito da sociedade... de esperar que os meninos bebam e saiam pra beber, e as meninas recatam muito elas. [F2]

Eles (homens) acabam julgando 'ai, porque tu é menina, tu não pode beber', mas homem pode beber um monte. [F8]

Desde pequena a sociedade passa uma certa imagem de como o homem tem que ser tratado, e como a mulher tem que ser tratada. Existe uma grande diferença, aí quando você acaba crescendo, tipo, a visão que a pessoa tem de você por ser mulher, é algo, tipo, que você tem que ser uma pessoa delicada, uma pessoa certinha. Se você tem problemas psicológicos, você tem que se tratar e tal. Com homem não, com homem é totalmente diferente. [F6]

Já no grupo focal dos meninos, destacamos algumas falas sobre o consumo elevado entre as meninas:

A maioria das guria que eu conheço sai, vai pra festa, bebe e usa coisa... é incentivo, né? Amigo... virou uma cultura, eu acho... um tipo de cultura, até um jeito de fazer parte de um determinado grupo de pessoas. A pessoa quer se sentir aceita, quer se sentir inclusa, e às vezes quer crescer numa hierarquia social, alguma coisa assim... daí ela se põe a beber e fazer essas coisas. [M4]

Muitas meninas que eu vejo não tem relação boa com os pais, porque fumam, usam alguma coisa ou bebem demais... isso é uma coisa que ultimamente tem ficado muito comum. Antigamente, era algo que mais homens tinham em relação com os pais porque bebiam demais, hoje é em relação às mulheres, que eu vejo. [M3] Tanto que é dizer a pesquisa, né? Das mulheres. [M1].

Tem muito cara aí que vai pra baile e paga combo pras guria. Tem guria que eu conheço que nem leva dinheiro porque sabe que o cara vai pagar combo pra ela, às vezes o cara nem bebe, quem bebe é as guria, porque ele quer pegar ela no final, né. Assim, na real, isso aí não é difícil. [M4]

Verificamos diferenças nos discursos entre as meninas e os meninos sobre a razão do consumo superior de álcool e outras drogas pelas adolescentes do sexo feminino. Elas destacam mais a questão dos privilégios históricos dos homens, o estímulo a usarem álcool pela sociedade e a repressão às mulheres, argumentos que podem estar na base de um lançar-se aos comportamentos de risco, como o consumo mais intenso de substâncias psicoativas, como forma de empoderamento e emancipação feminina. Um estudo de revisão sistemática de literatura constatou que um dos fatores para o aumento no consumo de álcool e outras drogas em jovens meninas pode ter relação às mudanças sociais que ocorreram nos papéis sociais das mulheres ao longo da história. São citadas as renovações nas funções sociais, abertura para novas experiências e responsabilidade dupla sobre o trabalho e a casa como fatores observados (Pereira & Silva, 2012). Já os meninos discutiram sobre a constatação do aumento do consumo pelas meninas e de como pode ter relação com algumas situações de violência de gênero, em que meninos possam se aproveitar da situação de embriaguez das adolescentes.

Estereótipos de gênero são expectativas direcionadas a uma pessoa, as quais inferem padronizações sobre modos de vida. Esses padrões partem de expectativas hegemônicas, ou seja, padrões pré-estabelecidos como corretos (Quevedo-Camargo, 2020). Historicamente, expectativas de gênero realizam uma distinção na compreensão das funções sociais de homens e mulheres. Homens desempenhavam atividades relacionadas à força física, eram mais tidos a atividades de risco e passavam períodos longe de casa. As mulheres, em suas vivências, possuíam a instrução social de envolverem-se com tarefas do núcleo familiar, ou seja, exerciam trabalhos domésticos e permaneciam no mesmo espaço ao longo de suas vidas (Menegatti & Rubini, 2017). Estas funções sociais foram observadas pelas estudantes que responderam à pesquisa, e destacaram reflexões sobre atitudes que mulheres podem realizar em suas vidas cotidianas, segundo normas sociais. Os apontamentos das adolescentes revelaram discrepâncias nas relações entre homens e mulheres.

Essa discrepância diz respeito a uma divisão de gênero. O gênero se delineou como um estruturante na sociedade, implicando sobre a identidade das pessoas e seus modos de existência nos meios sociológicos (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005). A divisão de gênero, por sua vez, carrega influências culturais, territoriais e históricas. Por conta disso, é possível observar mudanças, que ocorreram ao longo do tempo, na esfera de trabalho das mulheres: possibilitou-se a saída do ambiente doméstico, mas ainda se manteve - em sua maioria - as atividades relacionadas ao cuidado, como exercícios do campo da saúde e educação (Cheron *et al.*, 2022). Denota-se, então, que os estereótipos são geradores de estímulos e impossibilitam a compreensão de uma diversidade cultural, pois existe a tentativa de enquadrar indivíduos em padrões e normas (Souza *et al.*, 2023).

A análise realizada sobre o discurso das adolescentes, quando abordado o tema de gênero, compreendeu que as participantes relataram suas experiências a partir do que observam na vida diária, especialmente no núcleo familiar que possuem. Nwagu (2015) relata que a discriminação de gênero direcionada a jovens meninas é comum, além de gerar impactos na vida. As discriminações podem potencializar vulnerabilidades, explorações, abusos e outros riscos nas relações de adolescentes identificadas ao gênero feminino.

Riscos relacionados à embriaguez feminina

A última categoria aborda as percepções de adolescentes sobre os riscos relacionados à embriaguez e abuso de outras drogas por meninas. Os riscos são observados onde o consumo de álcool e outras drogas é dado como social, ou seja, em festas e/ou outros lugares públicos. Este consumo social, aparentemente menos nocivo, pode desencadear algum tipo de risco aos adolescentes em geral e, em especial, aos do gênero feminino. Sobre estes riscos houve predomínio de falas das meninas, refletindo sobre certos perigos que correm e o medo que experimentam de se expor quando embriagadas ou sob efeito de outras drogas.

Destacamos os seguintes discursos:

As meninas usarem mais álcool que os meninos me deixa surpresa, porque tipo, eu tenho muita consciência de não ir em festas e ficar bêbada, porque eu tenho medo do que pode acontecer quando eu estiver bêbada. Eu tenho muita consciência, então, eu fico surpresa com isso. Como a maioria das meninas tem medo de acontecer alguma coisa quando elas estão bêbadas, enquanto os meninos não têm esse problema, então eu fiquei surpresa com esse fato. [F2]

Os meninos tipo usavam mais [álcool] 'pra' se acharem legal... e as gurias geralmente não bebem em festa por medo do que pode acontecer. [F5]

Quando a pessoa bebe, normalmente ela fica mais sugestiva, mais solta, aceita coisa mais fácil. Então, pode ser mais perigoso para as mulheres, essas coisas de ter aumentado o consumo em relação aos homens. O cara vê que a guria tá mais solta e vai tentar alguma coisa, que sóbria ela não faria ou não daria liberdade, poderia reagir, coisas assim. Então, pode ser prejudicial para as mulheres. Não que não aconteça com homem, mas com mulher geralmente o número é maior de casos. [F7]

O consumo de bebida alcoólica é tido como um fator preditor para a violência física, tanto para aqueles que são os agressores quanto para as vítimas (Costa, 2024). Neste estudo de análise de dados secundários, baseado no Sistema de Informação de Agravos e Notificação, de 2019, constatou-se diferenças entre tipos de violência, agressores e agentes de agressão contra meninos e meninas adolescentes, no Brasil. Para as meninas, destacam-se a violência sexual, agressores paternos e companheiros e ex-companheiros, e violência por ameaça. Sendo que se constatou que o uso de substâncias tanto pelos agressores quanto pelas vítimas teve relação direta com a agressão direcionada ao gênero feminino (Costa, 2024). Em outras pesquisas, a violência sexual, de forma estatística, também identificou mais diretamente o gênero feminino, como vítima majoritária (IBGE, 2021).

Outro fator de risco relacionado à embriaguez é o medo de exclusão, em que meninas se sentem pressionadas a aderir ao comportamento de ingestão de álcool e/ou outra substância como forma de pertencimento ao grupo, como vimos acima. Esse comportamento, entretanto, leva algumas jovens a terem medo de perder o controle sobre suas próprias ações, e estarem inseridas em situações que geram exposição a contextos adversos e emoções difíceis de lidar, como se constatam em outras pesquisas também (Sandberg & Skjælaaen, 2018).

Sendo assim, os medos e precauções das respondentes da presente pesquisa tem razão de ser, indicando questões importantes para serem abordadas em planos de ação preventivo com os adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscou-se compreender, a partir de métodos mistos os dados que apareceram no desenvolvimento do perfil comunitário do território alvo do estudo piloto de adaptação cultural do sistema de prevenção “Comunidades que Cuidam” ao Brasil. Os dados epidemiológicos apontam um consumo significativo de álcool e outras drogas pelos adolescentes residentes nesta comunidade, com destaque para o consumo mais elevado entre as meninas, o que instigou a coalizão comunitária a complementar tais dados com um estudo qualitativo, a partir dos sentidos atribuídos pelos próprios estudantes, a fim de poder elaborar o seu plano preventivo com o foco para as reais necessidades da comunidade.

Os dados apontaram a dimensão multifatorial que impulsiona este uso elevado entre os adolescentes e, em especial, os do gênero feminino, tais como: a necessidade de inserção em grupo de pares e aceitação social, típica da adolescência; a influência das redes sociais e da mídia, o papel central do núcleo familiar, assim como as questões subjetivas, relacionadas às condições de saúde mental de cada um. Tais dados corroboram com outras pesquisas neste campo. As reflexões dos estudantes apontaram as experiências de consumo de substâncias atravessadas por um recorte de gênero em suas vivências.

Os dados coletados corroboram com a transformação de uma realidade local, nacional e mundial em relação ao consumo de substâncias psicoativas por adolescentes do sexo feminino, podendo tal exposição maior a riscos estar associado à luta de emancipação das mulheres e à crescente conquista de espaço social por parte deste segmento da população, bem como à consequente mudança do seu papel na sociedade, como vimos acima. Entretanto, como comenta Horta et al. (2007), seria lamentável que as lutas pela democratização e emancipação das mulheres não viessem acompanhadas de uma reflexão crítica a respeito das várias situações que as colocam em risco. A elevação dos padrões de consumo de álcool e outras drogas pelas mulheres tem prováveis impactos nas gerações futuras, o que pode se constituir em uma preocupação do devir em termos da saúde pública, assim como, do ponto de vista da prevenção das violências de gênero, pois, uma vez constatada esta correlação entre uso de drogas e violências, deve-se atentar para a sua prevenção, devido à realidade ainda presente de elevados índices de violência contra a mulher. Sendo assim, aponta-se que as intervenções preventivas devem estar conectadas com tais mudanças, em especial a perspectiva de gênero, para poder dialogar com as necessidades advindas de tais metamorfoses sociais contemporâneas.

Por conta disso, entende-se que a compreensão do uso e o uso abusivo de álcool e outras drogas deve incluir, necessariamente, o ponto de vista dos próprios jovens, agentes dessas transformações, assim como os delineamentos do contexto de vida contemporâneo. Adolescentes estão inseridos em uma sociedade que possui aspectos históricos, políticos e culturais, que exercem influências na sua forma de viver e das pessoas que os cercam. Logo, os fatores de risco para a utilização excessiva dessas substâncias ocorre, necessariamente, dentro de um campo de experiências que implicam dimensões coletivas ou macrossociais e dimensões singulares ou microssociais, sendo necessário esta dialética de métodos para dar conta da complexidade do fenômeno. Escutar os próprios jovens e investigar os sentidos atribuídos a estas transformações faz toda a diferença na compreensão do fenômeno do uso de substâncias e no planejamento das ações preventivas.

Ao integrar informações provenientes de fontes diversas — tais como dados epidemiológicos, relatos qualitativos e indicadores socioambientais — o estudo permite identificar nuances e padrões de comportamento que, isoladamente, poderiam passar despercebidos. Essa abordagem não apenas enriquece a compreensão do fenômeno, mas também embasa a elaboração de um plano preventivo mais direcionado e contextualizado para a comunidade piloto do Sistema de Prevenção.

A implementação do programa *Comunidades que Cuidam* pode se beneficiar significativamente dessa estratégia, uma vez que a precisão na identificação dos fatores de risco e de proteção contribui para o desenvolvimento de ações que considerem a realidade local e as especificidades dos grupos analisados. Nesse sentido, o trabalho ressalta a importância da articulação entre dados quantitativos e qualitativos, evidenciando que a união de diferentes perspectivas é fundamental para o reconhecimento das vulnerabilidades e das potencialidades presentes na comunidade.

Por fim, é imperativo destacar que, embora os resultados ofereçam subsídios importantes para a elaboração do plano preventivo, a dinâmica social e cultural da comunidade requer uma constante atualização e monitoramento das estratégias adotadas. A continuidade dos esforços de pesquisa e avaliação, acompanhada da flexibilização das ações em resposta às mudanças contextuais, se apresenta como caminho seguro para a consolidação de uma comunidade mais saudável e resiliente para as adolescentes. Assim, o presente trabalho contribui para o avanço das práticas preventivas de base comunitária e para a promoção de políticas públicas fundamentadas em evidências, ampliando o campo de atuação de lideranças comunitárias no enfrentamento dos desafios relacionados ao consumo de substâncias psicoativas.

Destacamos algumas limitações deste estudo: é preciso ter cuidado na generalização dos achados, pois o estudo epidemiológico foi desenvolvido em uma única comunidade, com características socioeconômicas específicas, o que não possibilita afirmar que os dados sejam válidos necessariamente para outras realidades locais. Da mesma forma, a parte qualitativa envolveu 26 adolescentes, entre meninas e meninos, de duas escolas da comunidade, o que também pode trazer limitações para a generalização. Como parte dos dados foi obtida por meio de grupos focais, pode ter ocorrido vieses de auto-relato, onde

os participantes, por diferentes razões, subnotam ou distorcem informações relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas. Essa sensibilidade intrínseca ao tema pode desafiar a obtenção de informações completamente precisas. Por outro lado, como o desenho foi transversal, há uma limitação intrínseca em estabelecer relações causais entre os fatores identificados e o consumo de substâncias. Além disso, a análise pode não captar a evolução desses comportamentos ao longo do tempo, o que seria essencial para uma compreensão mais dinâmica e para a elaboração de planos preventivos eficazes.

REFERÊNCIAS

- Almeida, C. S., & Lana, F.C.F. (2020). Vivências dos adolescentes acerca das substâncias psicoativas e sua interface com gênero, políticas e media. *Revista de Enfermagem Referência*, 5(3), 1-8. <https://doi.org/10.12707/RV20035>
- Atlas.ti (2023, 29 de setembro) *Atlas.ti for scientific researchers*. Atlas.ti. <https://atlasti.com/scientific-researchers>
- Borges, C. D. & Schneider, D. R. (2021). Vulnerabilidade, família e o uso de drogas: Uma revisão integrativa de literatura. *Psicologia Revista*, 30(1), 9–34. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2021v30i1p9-34>
- Brown, E.C., Hawkins, J.D., Arthur, M.W., Briney, J.S., Fagan, A. A (2011). Prevention service system transformation using Communities That Care. *Journal of Community Psychology*; 39:183–201. <https://doi.org/10.1002/jcop.20426>
- Benites, A. P. O., & Schneider, D. R. (2014). Famílias e consumo de álcool em adolescentes do sexo feminino: Uma revisão sistemática. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 27(1), 145–152. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722014000100016>
- Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic Analysis. *Handbook of Research Methods in Psychology*, 2(4), 57-71. <https://doi.org/10.1037/13620-004>
- Carlini, E. L. A. et al. (2010). VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras São Paulo: CEBRID/UNIFESP e SENAD. <https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/VI-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotr%C3%B3picas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-M%C3%A9dio-das-Redes-P%C3%BAblica-e-Privada-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras.pdf>
- Charfi, N., Turki, M., Smaoui, N., Bouali, M. M., Omri, S., Zouari, L., . . . , & Maâlej, M. (2020). Alcohol Use and Associated Environmental Factors Among Middle and High School Students in Sfax (Tunisia). *International Journal of Mental Health and Addiction*, 18, 658–673. <https://doi.org/10.1007/s11469-018-9969-6>
- Charrier, L., van Dorsselaer, S., Canale, N., Baska, T., Kilibarda, B., & World Health Organization Regional Office for Europe. (2024). *A focus on adolescent substance use in Europe, Central Asia, and Canada: Health Behaviour in School-aged Children international report from the 2021/2022 survey* (1^a ed). World Health Organization. <https://iris.who.int/handle/10665/376573>
- Cheron, E. A., Salvagni, J., & Colomby, R. K. (2022). “Homem só respeita homem”: Quando o machismo invisibiliza duplamente o trabalho das entregadoras por plataformas. *XLVI Encontro da ANPAD - EnANPAD 2022*, 1-23.

Corrêa, A. O., Brown, E. C., Murta, S. G., Briney, J. S. (2022). Adaptation of the Communities That Care Youth Survey for use in Brazil: A pilot study. *Health Promot Int.*, 37(2):daab109. <https://doi.org/10.1093/heapro/daab109>

Costa, G. S. (2024). *Violência contra adolescentes no Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Montes Claros]. www.posgraduacao.unimontes.br

Costa, A. G., Camurça, V. V., Braga, J. M., Tatmatsu, D. I. B. (2012). Drogas em área de risco: O que dizem os jovens. *Revista de Saúde Coletiva*, 22(2), 803-819. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000200021>

Cunha, N. A. C. (2022). Solidão, mídias sociais e saúde mental: Uma revisão integrativa. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/>

Delanox, F. C. O., & Bezerra, I. M. P (2023). Electronic cigarettes: a new social practice and the challenge of tobacco control policies. *J Hum Growth Dev.*, 33(2), 158-163. <https://doi.org/10.36311/jhgd.v33.14897>

Donavan, J. E. (2004). Adolescent alcohol initiation: A review of psychosocial risk factors. *Journal of adolescent health*, 35(6). doi:10.1016/j.jadohealth.2004.02.003

Doumas, D. M., Midgett, A., & Johnston, A. D. (2017). Substance use and bullying victimization among middle and high school students: Is positive school climate a protective factor? *Journal of Addictions & Offender Counseling*, n(38). 2-15. <https://doi.org/10.1002/jaoc.12025>

Ferreira, B. V. O., Frazão, I. S., Chaves, L. C. M. R.M Souza, J. S., Brito, V. C. N. G., França, V. V., Vasconcelos, S. C. (2022). Atitudes de adolescentes escolares sobre o consumo de álcool e outras drogas: Estudo transversal. *Revista baiana de enfermagem* 36(44908), 1-11. <https://doi.org/10.18471/rbe.v36.44908>

Freitas, E. da S., Ribeiro, K. C. S., & Saldanha, A. A. W. (2017). O uso de álcool por adolescentes: Uma comparação por gênero. *Psicologia Argumento*, 30(69). Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/23284>

Iervolino, S. A., & Pelicioni, M. C. F. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 35(2), 115-121. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000200004>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Pesquisa nacional de saúde do escolar - PeNSE 2019* (Orgs.). IBGE. biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf

Instituto Nacional De Câncer José Alencar Gomes Da Silva (2019). Não se deixe enganar pelas novidades: dispositivos eletrônicos para fumar também matam. Rio de Janeiro: INCA. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/les//media/document/inc-cigarroeletronico-folder-111219ld6.pdf>.

Li Liu, L., Meng, W., Liu, B. (2022). The Mediating Role of Social Support in the Relationship Between Parenting Styles and Adolescent Drug Abuse Identification. *Front. Psychol.*, 21. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.802408>

Groppi, L. A. (2000). *Juventude: Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. (1^a ed). Difel.

Hawkins, J., Catalano, R. F., Arthur, M. W., Egan, E., Brown, E. C., Abbot, R. D., & Murray, D. M. (2008). Testing Communities That Care: The rationale, design and behavioral baseline equivalence of the Community Youth Development Study. *Prevention Science*, 9(3), 178-190. <https://doi.org/10.1007/s11121-008-0092-y>

Horta, R. G., Horta, B. L., Pinheiro, R. T., Morales, B., & Strey, M. N. (2007). Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: Uma perspectiva de gênero. *Cadernos de Saúde Pública, 23*(4), 775-783. doi:10.1590/S0102-311X2007000400005

Marques, M., Viveiro, C., Passadouro, R. (2013). Uma velha questão numa população jovem: o consumo do álcool nos adolescentes escolarizados. *Acta Med Port, 26*(2):133-138.

Menegatti, M., & Rubini, M. (2017). Gender bias and sexism in language. *Oxford Research Encyclopedia of Communication, 1*(n). 451-468. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228613.013.470>

Nwagu, E. N. (2015). Alcohol and drug usage; and adolescents' sexual behaviour in Nigeria. *Health Promot Int, 31*(2), 405-413. <https://doi.org/10.1093/heapro/dav001>

Pereira, D., & Silva, I. S. (2012). Produção científica no Brasil sobre álcool e mulher: uma revisão bibliográfica. *Serviço Social em Revista, 1*(14). 236–251. <https://doi.org/10.5433/1679-4842.2012v14n2p236>

Quevedo-Camargo, G. (Org.). (2020). Projeto English Nuggets: Etimologia de palavras e expressões em língua inglesa. Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3841>

Sales, S. S., Costa, T. M., Gai, M. J. P. (2021). Adolescentes na Era Digital: Impacts na saúde mental. *Research, Society and Development, 10*(9). 1-10. <https://doi.org/10.33448/rsdv10i9.17800>

Sandberg, S. & Skjælaaen, Ø. (2018). "Shoes on your hands": perceptions of alcohol among young adolescents in Norway. *Drugs: Education, Prevention and Policy, 25*(6), 449-456. <https://doi.org/10.1080/09687637.2017.1335690>

Schneider, D. R., Thurow, C. F., Frandoloso, T., Silva, G. G., Maba, P. (2023). Relatório Técnico do projeto de pesquisa "Estudo piloto para a adaptação cultural do Sistema de Prevenção 'Communities That Care' ao Brasil". Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, FAPESC. (Brochura não publicada).

Silva, L. M. F. & Ruzzi-Pereira, A. (2020). Percepções de adolescentes sobre influências e consequências do uso de drogas. *Saúde e Desenvolvimento Humano, 8*(3). 1-9. <https://doi.org/10.18316/sdh.v8i3.6751>

Silva, E. R. de C., de Aquino, J. M., Lima, A. de G. T., Brandão Neto, W., Lima, A. K. M., Veríssimo, A. V. R., & da Silva, F. P. (2024). Fatores associados ao consumo de álcool por estudantes adolescentes no período pós-pandemia. *Contribuciones a las Ciencias Sociales, 17*(2), e2194. <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.2-320>

Souza, C. V. B. S., Lima, M. E. O., & Ferreira, D. C. S. (2023). Conceptions of Hegemonic Masculinity as a Mediator of Sexism Directed at Women. *Psicologia: Teoria E Pesquisa, 39*(39506), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39506.en>

Thurow, C. F. (2020). Aplicabilidades e propriedades psicométricas do Communities That Care Youth Survey (CTCYS): Subsídios para sua adaptação cultural ao contexto brasileiro [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Florianópolis]. <https://repositorio.ufsc.br/>

Traverso-Yépez, M., & Pinheiro, V. S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Revista Estudos Feministas, 13*(1). 1-8. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100010>

Veloso, M. V. S., & Cirillo, M. A. (2016). Principal components in the discrimination of outliers: A study in simulation sample data corrected by Pearson's and Yates's chisquare distance. *Acta Scientiarum. Technology, 38*(2), 193-200. <https://doi.org/10.4025/actascitechnol.v28i2.26046>